

4ª PARTE

PROSA DE FICÇÃO

O CRIME SEM CASTIGO

Flávio Leitão

“A verdade é a certeza de cada um.”

(Diógenes, o cínico)

Dona Maria da Conceição Augusta dos Anjos e Silva tinha régio e pomposo nome, apesar de sua humilde e despretensiosa origem, razão por que os amigos simplificavam chamando-a, tão somente, pelo carinhoso epíteto Maroca.

Não tivera sorte no casamento. Não que seu marido, o Raimundinho da Preta Joana, conhecido por Mundoca, fosse má pessoa. Muito pelo contrário, era homem conhecido pela sua dedicação ao duro trabalho de lavrador de terras improdutivas, carentes de chuva e de frutos. Homem de mãos nodosas, calejadas pelo uso diário da enxada, do alvorecer das frias madrugadas dos tempos invernosos ao repouso do astro-rei, no morno crepúsculo das tardes avermelhadas de verão.

Nunca se ouvira falar que tivesse sido desregrado ou que vivesse alcoolizado em algum dos inúmeros cabarés da cidade, cortejando as mulheres de vida fácil.

Cruz das Almas, a terra de nascimento de Da. Maroca e de seu Mundoca, era um simples lugarejo encravado no sertão árido do nordeste da Bahia, contando com apenas 4.800 insignificantes criaturas, distribuídas por mais de 30 léguas nas diversas pequenas fazendas que circundavam o povoado, não se sabendo o porquê de tão grande número de casas de recurso.

O fato é que, naquelas lonjuras do sertão baiano, as mulheres eram naturalmente desprestigiadas por seus companheiros. Justificavam-se da atávica e machista atitude, valendo-se do único deslize que cometera Santo Agostinho, o filho de Santa Mônica e bispo de Hipona, quando determinou às mulheres o castigo do silêncio.

Vaticinara o Santo Doutor: “A maior virtude da mulher é o silêncio”. Por isso, os homens de Cruz das Almas exigiam o silêncio de suas mulheres em resposta a seus frequentes folguedos extraconjugais.

Mas até os gregos de reconhecido conhecimento filosófico tinham os seus deslizes com referência à mulher. Quando Édipo foi banido de Tebas, cego, no exílio, acompanhado de suas duas filhas, expressou-se: “Essas meninas, ao contrário, dão-me, apesar de seu sexo, o alimento de cada dia e a segurança nas estradas”.

Assim, o infortúnio de Maroca não foi decorrente de defeitos morais naquele que ela havia escolhido para complementar-lhe a vida pelo resto de seus dias. A infelicidade do casal fora determinada por esses desígnios incompreensíveis e imperscrutáveis de Deus, que permitiu ter Mundoca contraído, com apenas 15 dias de casado, uma tosse que o levou, celeremente, ao passeio com Caronte, o detestável barqueiro do Rio Estige, pelas águas que o conduziriam para a eternidade de Hades.

Após repetidas crises de tosse, tosse rouca, bitonal, estridulosa e dolorosas ânsias de vômitos de sangue vermelho vivo, em consequência da ruptura de cavernas que a tuberculose pulmonar havia salpicado em seus pulmões, cortou-lhe o fio da vida a terceira parca. Despediu-se Mundoca deste ingrato mundo, deixando Maroca no frescor de seus 25 anos.

Maroca, apesar de ser mulher jovem, de rijas carnes, ancas largas, corpo escultural e naturalmente apta às danações carnavais, não chegara a engravidar no curto período de intensa e inesquecível gala que, prazerosamente, lhe proporcionara Mundoca.

Assim, mesmo diante do excepcional desempenho esperado de mulher inupta, no momento maior da vida conjugal, os inesquecíveis jogos amorosos envolvidos por grande ânsia e maior volúpia, não lograram que Mundoca deixasse, no virgem e vigoroso útero de Maroca, a semente de rebento que perpetuasse a linhagem dos dois.

Apesar de extremo viço, Maroca prometera a Mundoca ser apenas dele, de modo a amargurar toda sua existência sem conhecer mais nenhum outro varão.

O espírito maternal de que naturalmente fora dotada, contudo, deixava-a muito entristecida e angustiada, exigindo-lhe um filho. Por essa razão, Maroca aceitou, como uma dádiva misericordiosa da Providência, o filho indesejável que Narbelina – a Nega Narbé da pensão da Olga – tivera como resultado de uma paixão extremada com um gringo que fora explorar petróleo no sertão baiano.

O menino recebeu o nome de Absalão, em batizado pouco concorrido na simplicidade aconchegante da capela de Santa Terezinha, a mais próxima da fazenda de Maroca, quando compareceram algumas mundanas e menor número de amigas de Maroca.

Cresceu o menino forte e bonito em virtude do gritante contraste da pele cor do ébano e do verde-esmeralda de seus olhos, com um narizinho arrebitado.

Era simpático e desenvolvia-se célere, embalado pelo extremo amor que Maroca lhe devotava. Ao completar três anos, a mãe adotiva tomou a decisão de dar-lhe um irmãozinho. Não era bom que Absalão crescesse na solidão, sem a benfazeja companhia de um irmão, com quem dividisse as agruras e as alegrias da vida.

Maroca, permita-me lembrar-lhe, caro leitor, havia jurado no leito de morte de seu inesquecível Mundoca que jamais conheceria outro varão. Para honrar o solene compromisso e, ao mesmo tempo, saciar sua vocação maternal dando um irmão para Absalão, resolveu perfilhar o décimo segundo filho gerado por Tereza, uma prima pobre de extrema fertilidade, que dera à criança o estranho nome de Acáz.

Soube-se, depois, que, sendo a mãe biológica uma pentecostal fundamentalista, escolhera o nome em homenagem ao 12º rei de

Judá, apesar de sabê-lo um mau rei por ter promovido a idolatria e sacrificado seu próprio filho a deuses pagãos.

Receberam os dois irmãos, por parte dos moradores da pequena fazenda de Da. Maroca, o explicativo apelido de “Café com Leite”, em face do contraste da reluzente negritude de Absalão com a cor branco-amarelada de Acaz.

Cresceram os dois embalados pelo canto matinal dos pássaros, pelo sonoro barulho dos pequenos córregos nos exíguos invernos, pelo cantar longínquo de galo “pé-duro”, enfrentando, por outro lado, valorosamente, a sequeidão dos anos de seca, arando a terra na esperança de vê-la frutificar, cuidando do gado sequioso e faminto.

E, finalmente, tornaram-se adultos. Absalão era a cordura personificada, trabalhador empedernido, querido por todos, irradiava simpatia, prestativo, um certo grau de humildade. Quem sabe a cor o estigmatizava?

Acaz não ficava atrás em matéria de trabalho, mas tinha a postura do branco colonizador, arrogante, certo ar de superioridade, sempre com o nariz acima da linha horizontal dos olhos, dado a farras colossais e a bebedeiras homéricas.

Era a repetição do determinismo histórico, vendo-se, de um lado, uma África oprimida, dominada, explorada, vilipendiada e, do outro, o colonizador branco usurpador, atroz e arrogante.

Dizem que, com frequência, se estranhavam, ficando emburrados, mas nada que perdurasse.

Assim, afora essas nítidas desigualdades de físico e de comportamento, ambos viviam numa aparente harmonia.

Longos anos se passaram e Da. Maroca chega à propectude, completando 80 venturosos anos.

Nesse mesmo dia, depois de uma festa com a presença de todos os moradores da pequena fazenda, onde a cachaça foi oferecida com

a mesma abundância com que o vinho foi servido nas bodas de Caná, por mais um desígnio inexplicável de Deus, sofreu Da. Maroca o que o povo chama de “ramo”. Ficou a desditosa senhora parálitica de todo o lado direito de seu corpo, incapaz de entender o que se lhe dizia, também incapaz de responder.

Os dois irmãos haviam ouvido, cada um de seu quarto, um baque surdo, estranho, incomum, às quatro e meia da manhã e acorreram, solícitos, ao quarto da mãe, encontrando-a no chão, desacordada, a camisola encharcada de urina, sem forças, desacordada.

Cada um expressou, à sua maneira, a dor que sentia. Absalão, contrito, comedido, enxugava discretamente as lágrimas e mostrava um olhar de profunda e intensa dor e, desesperado, acocorou-se no chão, as mãos sustentando sua cabeça, o olhar perdido...

Acaz vociferava, culpava Deus por tão grande desgraça e não via razão para, daquele dia em diante, tê-lo como protetor e fonte de consolação. Blasfemava e puxava os cabelos numa atitude irracional. Mostrava grande sofrimento e perguntava-se: que maldade fizera sua mãe para ser merecedora de tão grande castigo?

Foi muito feliz a afirmação do Corifeu, analisando o comportamento de Creonte e Eurídice diante da morte do filho: “Silêncios excessivos me parecem tão graves quanto o exagerado, inútil pranto”.

Mas, como não há mal que sempre dure, aos poucos, voltou a fazenda às atividades de rotina, plantando nos períodos de chuva, amargando a sequeidão do açude, o emagrecimento e até a morte do gado, nos frequentes e dolorosos tempos de seca.

Os irmãos voltaram à vida de rotina, e Da. Maroca passou a ser tratada por uma cuidadora.

Alguns meses após a tragédia do acidente vascular cerebral que destruíra definitivamente a vida de Da. Maroca, a cuidadora,

ao adentrar o quarto, percebeu algo estranho. Os olhos de Da. Maroca pareciam querer gritar, pedir socorro, denunciar. Suas vestes estavam levantadas até os flácidos seios, a perna parálitica estava despudoradamente afastada da perna sã, e uma observação mais acurada deixou clara a presença de viscoso e pegajoso líquido branco-esverdeado, com forte odor acre, misturando-se aos ralos e embranquecidos pelos pubianos da velha senhora.

Maria das Graças, a cuidadora, era mulher experiente e logo se apercebeu que ato ignominioso havia sido perpetrado contra a indefesa velhinha, presa ao leito, parálitica de um lado do corpo, incapaz de dizer palavra e muito menos de entendê-la.

Algum monstro desprovido dos naturais sentimentos de respeito, de decência e de ética, com que nascem todos os seres humanos, segundo o iluminista Jean-Jacques Rousseau, aproveitara-se, covarde e violentamente, da incapacidade física de Da. Maroca e do silêncio que a doença lhe impusera, estuprando-a, cometendo, assim, duplo e repugnante crime.

Tomadas as devidas providências, um perito confirma ter havido conjunção carnal. O caso, finalmente, chega à Justiça.

São, naturalmente, suspeitos os dois irmãos, únicos moradores com a provecta senhora. Acáz atribui a Absalão o horripilante crime. Absalão, por sua vez, sofre, arrasado, a dor da acusação. Defende-se apresentando testemunha que ouvira ter Acáz dito em alto e bom som, por várias vezes, num dos lupanares da cidade, sob efeito de intensa libação etílica, que “tudo faria para evitar que o irmão fosse o herdeiro da fazenda Aqueronte”.

No júri, os advogados de ambos os lados defendem, enfática e peremptoriamente, a inocência de seus constituintes.

A única prova confirmada foi a afirmação leviana de Acaz, informando que faria tudo ao seu alcance no sentido de ter a fazenda Aqueronte exclusivamente na sua posse.

Seu defensor garantia que aquilo era próprio do espírito boquirroto de Acaz, que fora uma brincadeira dita sob intenso domínio de Baco, que, afinal de contas, Acaz prendia-se à vítima por dois fortes laços: o parentesco de primo em segundo grau e a adoção legalizada em cartório.

A pobreza do Judiciário no sertão baiano não tivera recursos para realizar a pesquisa do DNA no líquido espermático encontrado nas partes pudendas da pobre velha, método que identificaria cientificamente o hediondo criminoso.

Por falta de provas, o Juiz arquiva o caso, lamentando a impossibilidade de ser feita justiça, deixando a decisão final para o Plano Divino...